



Documentário televisivo A Tragédia: um ano depois¹

Débora Dayana Ceccon²

Gabriela Junges³

Marcionize Elis Bavaresco⁴

Marília Maróstica⁵

Rafael Hoff⁶

Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste

Resumo

O documentário “A Tragédia: um ano depois” tem como objetivo registrar historicamente o duplo acidente ocorrido na BR 282, no município de Descanso, em 9 de outubro de 2007. Também pretende trazer alguns elementos para que o público reflita sobre as conseqüências do acidente na vida das pessoas envolvidas e da comunidade regional depois de um ano. A tragédia na BR 282 foi o segundo acidente em número de mortes no Estado de Santa Catarina e um dos mais graves do país. O documentário é baseado em depoimentos, com poucos OFFs. As fontes são diversas, com ênfase para as pessoas que presenciaram o acidente. Para valorizar o caráter documental foram utilizados áudios veiculados por veículos de comunicação na época do acidente.

Palavras-chave

Tragédia; trânsito; documentário televisivo; Extremo Oeste catarinense.

Proposta do documentário

A proposta foi produzir um documentário televisivo abordando o duplo acidente ocorrido em 9 de outubro de 2007, na BR 282, município de Descanso, Extremo Oeste de Santa Catarina, causando 27 mortes e dezenas de feridos. A tragédia que envolveu

¹ Trabalho apresentado ao Exopcom, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² O documentário ao qual o presente *paper* se refere foi produzido como Projeto Experimental (TV), no segundo semestre de 2008, o qual se constitui em exigência para a conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste. Débora Dayana Ceccon atualmente é jornalista, email: deboraday@yahoo.com.br.

³ Jornalista, atua atualmente como assessora de imprensa da prefeitura de São José do Cedro/SC, email: gabijunges@yahoo.com.br.

⁴ Jornalista, atua atualmente como repórter do jornal Gazeta Catarinense, em São Miguel do Oeste/SC, email: marcionize@hotmail.com.

⁵ Jornalista, atua atualmente como repórter do jornal Folha do Oeste, em São Miguel do Oeste/SC, email: marry_mj@yahoo.com.br.

⁶ Professor do curso de Jornalismo da Unoesc São Miguel e orientador do presente trabalho, email: rafael.hoff@yahoo.com.br.



um ônibus e dois caminhões completou um ano na época em que o documentário foi produzido. O foco do programa é fazer um registro histórico do fato, com uma reflexão a respeito das conseqüências que ele causou, baseado no depoimento das pessoas envolvidas no episódio.

O ônibus de São José do Cedro, que transportava passageiros da mesma cidade, principalmente associados e funcionários da cooperativa Cooperalfa, que retornavam de Chapecó, onde haviam participado de um show com o cantor Daniel em comemoração aos 40 anos da entidade, colidiu frontalmente com um caminhão com placas do Rio Grande do Sul. A família que viajava no caminhão – pai, mãe e dois filhos – morreu no local. O ônibus perdeu o controle e desceu a ribanceira. Nesse acidente morreram onze pessoas.

Essa colisão formou um enorme engarrafamento na BR 282 e mobilizou Corpo de Bombeiros, equipes do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) e policiais da região. Além destes, um considerável número de curiosos e motoristas que ficaram presos no trânsito permaneceram no local. Duas horas depois, aconteceu um segundo acidente. Um caminhão de placas do Paraná não parou na barreira policial e invadiu o local do acidente, atropelando policiais, bombeiros e curiosos, matando mais dezesseis pessoas.

Além de apresentar e lembrar o que foi a tragédia do dia 9 de outubro de 2007, e também refletir sobre algumas de suas conseqüências, o documentário serve como registro histórico. Já que, por meio de uma pesquisa aprofundada a partir do material divulgado pela mídia na época do acidente, com base na sentença que determinou que o motorista da carreta que provocou o segundo acidente, Rosinei Ferrari, e o dono do caminhão, Gilmar Turatto, devem ir a julgamento, e, ainda, com base nos 11 depoimentos coletados, dos quais nove tem trechos no documentário, conseguiu-se reconstituir o fato.

O documentário televisivo de 30 minutos foi dividido em sub-temas, para facilitar a compreensão dos telespectadores, pois um documentário baseado em depoimentos exige um processo cuidadoso de edição, para que fique claro do que as fontes estão tratando. As divisões são: o primeiro acidente; o segundo acidente; os motivos e as cicatrizes. Todos os temas foram narrados pelos envolvidos no duplo acidente, com poucos OFFs.



Justificativa

Um dos principais aspectos que justifica a produção deste documentário é a oportunidade/atualidade, já que justamente na época da produção do trabalho se completou um ano da tragédia, que é um dos fatos que deu maior visibilidade midiática à região Extremo Oeste catarinense nos últimos anos, normalmente excluída do cenário noticioso estadual e nacional. Além disso, nós como moradoras da região também sentimos os reflexos do acidente, percebemos as conseqüências que ele deixou.

A produção de um documentário televisivo sob um tema polêmico e delicado, também tem relevância na formação dos acadêmicos do curso de Jornalismo. Com a finalidade de produzir um programa de qualidade, relevância social e informação precisa, é necessário saber lidar com a emoção envolvida neste caso, sobretudo nas entrevistas dadas por pessoas que passaram pelo trauma de presenciar os acidentes ou de perder amigos e familiares na ocorrência. Como jornalista, é preciso ter profissionalismo e tratar as fontes com o cuidado que uma situação traumática como essa exige. Como aprendizes desta profissão que se desenvolve nos limites entre objetividade e subjetividade, razão e emoção, a escolha do tema também representa um exercício de habilidade para abordagens de assuntos deste gênero.

A relevância social também pode ser avaliada pela dimensão da tragédia, que foi a segunda maior do trânsito catarinense e uma das maiores do país em número de vítimas fatais, atingindo inclusive socorristas e profissionais da imprensa, o que causou grande comoção, já que essas pessoas estavam no local para tentar auxiliar as vítimas do primeiro acidente. A passagem de um ano do duplo acidente da BR 282, resultando em 27 mortes, não é tempo suficiente para que o fato seja apagado da memória da população local.

Após os doze meses passados, desde o dia 9 de outubro de 2007, pretendeu-se resgatar as ações, os passos dos envolvidos, e reconstruir o fato. Há os que perderam a vida. Há os que perderam pessoas queridas. Há os que presenciaram o caos e nunca mais esquecerão o que viram. Há os que acompanharam de longe, chocados, temendo por amigos e familiares que estavam no local.

Além disso, o fato de preservar a história da tragédia na BR-282 por meio de um suporte que não é comum na região, o televisivo, já que aqui, na região Extremo Oeste,



não existem emissoras de TV, também é uma maneira de preservar as imagens e de oferecer um produto diferenciado às futuras gerações.

Objetivo geral

Produzir um documentário baseado em depoimentos, material divulgado pela imprensa e documentos oficiais, para registrar historicamente a tragédia ocorrida na BR 282 no dia 9 de outubro de 2007 e trazer elementos para que o público reflita sobre suas possíveis conseqüências, um ano depois.

Objetivos específicos

- Narrar o dia do acidente com a coleta de depoimentos de pessoas envolvidas, como policiais, bombeiros, imprensa, passageiros do ônibus e outros;
- Reconstruir o fato por meio das entrevistas;
- Acrescentar à reconstrução a visão das pessoas que estiveram lá e foram testemunhas oculares do fato;
- Construir um documentário que trate da tragédia sob diferentes ângulos;
- Refletir se um acidente dessa proporção afeta o sentimento/comportamento das pessoas, tanto das que se envolveram no acidente, quanto da população em geral, e como ocorre essa mudança;
- Mostrar o que sentem alguns dos sobreviventes, as famílias de vítimas fatais, os bombeiros que socorreram, os médicos que atenderam;
- Refletir sobre a violência no trânsito da região Extremo Oeste;
- Trazer elementos sobre a situação dos acusados de terem provocado o segundo acidente, um ano depois;
- Registrar, por meio de imagens, esse fato marcante na história da região.

Metodologia

A produção do documentário foi iniciada com a realização de uma pesquisa, tanto sobre o gênero documentário, quanto sobre o tema, a tragédia da BR 282. Após



esse primeiro passo, foi iniciada a coleta de material divulgado pelas rádios no dia do acidente, além de vídeos, áudios, fotografias, e outros materiais de caráter amador.

Definimos as fontes que seriam ouvidas e iniciamos a captação de imagens e coleta de depoimentos. Escolhemos pessoas envolvidas no acidente, direta ou indiretamente, em diferentes situações, como imprensa, socorristas, vítimas que estavam dentro do ônibus, médicos e motoristas. Tentamos buscar fontes ligadas ao Setor Judiciário, mas não obtivemos resultado.

A ordem do documentário não obedece, exatamente, a uma ordem cronológica, já que a divisão é feita por subtemas: O Primeiro Acidente; O Segundo Acidente; Os Motivos e As Cicatrizes. Todos os temas serão narrados pelos envolvidos no duplo acidente, com o mínimo de OFFs possíveis para garantir o entendimento do programa.

O fato de basear o documentário em fontes, sejam entrevistados, documentos (como a decisão judicial que determinou que Rosinei Ferrari e Gilmar Turatto devem ir a júri) ou autores (como o que usamos para finalizar o roteiro) é uma forma de desviarmos a atenção de nós, produtoras do documentário, ou seja, não somos nós que estamos falando, são as fontes. Essa é uma alternativa para se trabalhar com temas polêmicos.

Para marcarmos as imagens que remetem ao passado, usamos um efeito preto e branco. Não optamos por usar todas as imagens em preto e branco porque, principalmente nas imagens noturnas, perdia-se muito da informação, como por exemplo, das luzes avermelhadas das sirenes.

Preocupamo-nos em produzir um documentário que não ficasse restrito ao episódio do acidente, tendo em vista que, isso já foi feito exaustivamente tratado pela mídia cotidiana/tradicional. Ampliamos a discussão, fazendo uma reflexão. Obviamente que com o envolvimento de aspectos emocionais, que não são possíveis de separar em se tratando de uma tragédia como a ocorrida, mas transcendendo isso, para avaliar o que restou, um ano depois.

Usamos material de arquivo fornecido por rádios, jornais e televisões para incrementar o documentário e dar mais valor histórico a ele, fortalecendo a característica de documento típica do gênero. Esse material também ajudou a reconstituir, com mais precisão o fato e a remeter o público ao dia do acidente. As entrevistas foram realizadas, algumas no ambiente de atuação profissional do entrevistado, e outras em estúdio. Enviamos solicitações por e-mail a inúmeros contatos,



solicitando materiais e informações que pudesse contribuir no projeto, e diretamente com empresas de comunicação.

O retorno em relação a esses contatos feitos por email foi significativo, recebemos fotos, sugestões de fontes, relatos de histórias de pessoas que estiveram no local do acidente.

Fundamentação teórica

A televisão é um dos meios de comunicação mais envolventes e emocionantes. Pois que ela, a televisão, atinge mais pontos sensoriais no homem do que qualquer outro meio. O olhar é fixado na imagem, os ouvidos atentos nos sons, a atenção é voltada para o conjunto de informações que ela transmite.

O efeito da TV, a mais recente e espetacular extensão elétrica de nosso sistema nervoso central, ainda não se deixa apreender em toda a sua profundidade por razões várias. Como ela afeta a totalidade de nossas vidas – pessoal, social e política – seria utópico tentar uma apresentação ‘sistemática’, ou visual, de sua influência. É mais praticável ‘apresentar’ a TV como uma gestalt complexa de dados colhidos quase que ao acaso. (MCLUHAN, 1998, p. 356).

A concentração do homem, porém, só se mantém constante durante cerca de 15 minutos, conforme estudos. Depois disso, ela se dispersa. Então, elaborar uma programação que atraia a atenção do telespectador pelo maior tempo possível, e fazer com que ela volte depois da distração natural, não é tarefa tão simples.

Um amontoado de imagens e informações sem sentido, que não interajam harmonicamente entre si, não vão despertar a atenção do telespectador nem por dois minutos. A indústria televisiva é ampla, divide-se em várias grandes empresas da comunicação, que disputam estes mesmos telespectadores. A produção de programas se torna cada vez mais uma árdua tarefa, que exige criatividade e persuasão.

Tanto a produção televisiva jornalística quanto a de entretenimento conquistaram um espaço gigantesco na preferência do público. Nem o rádio e nem os impressos alcançam uma preferência tão larga quanto a televisão. Ela se torna íntima do telespectador, que se identifica com os personagens e com a trama em que estão envolvidos, seja em um noticiário ou na ficção.



A natureza particular da imagem da TV, em sua relação com o ator, provoca reações tão familiares que chegamos a não reconhecer na rua as pessoas que vemos toda semana no vídeo. Não são muitos aqueles dentre nós que se mostram tão vivos quanto as crianças de jardim da infância que perguntaram a Garry Moore: ‘Como você saiu da televisão?’ (MCLUHAN, 1998, p. 357).

Para este projeto, o formato escolhido é o documentário. O documentário possibilita maior liberdade na abordagem do tema escolhido e permite um uso mais amplo da criatividade. Além disso, a subjetividade pode estar presente, assim como voz autoral, sem que esses elementos prejudiquem a credibilidade da informação. Dessa forma, o documentário é o formato que melhor se encaixa na abordagem pretendida sobre o tema um ano da tragédia na BR 282.

Documentários para cinema e para televisão têm diferenças na sua produção. Para torná-los atrativos e interessantes, os documentários podem apresentar diferentes formatos, uma dessas opções é trazer as informações colhidas de várias fontes por meio de uma ‘costura’ de depoimentos, apresentando os personagens conforme vai se desenrolando as suas falas. Cabe também o uso de narrações opinativas e interpretativas, encenações, gráficos e tabelas, edição de outras reportagens da televisão para a construção de um documentário.

Diferente da produção voltada para o cinema, para as produtoras internacionais e brasileiras, o documentário realizado para a televisão possui em média trinta minutos. Na televisão, o documentário está associado à idéia de uma "programação de qualidade" e, talvez por isso, tenha espaço garantido na grade de programação da TV a cabo, com canais específicos que apostam neste formato tais como *Discovery* e *History*, além de séries consagradas tais como a *Biography* ou a produção da *BBC*. (MCLUHAN, 1998, p. 369).

Um fator importante também na produção de um documentário é a montagem, a edição. Conforme Umbelino Brasil, autor de “O filme documentário como ‘documento da verdade’”, na montagem os autores do documentário tem a possibilidade de trocar, amputar, deslocar e redimensionar o tempo e o espaço, dando ao produto a sua própria dimensão espacial/temporal. Na edição o autor de um documentário pode modificar ou manter a verdade sobre a história tratada, ou seja, o documentário como produto, fonte de documentação ou de representação da própria história.

O documentário tem um ponto em comum com a reportagem especial: dão a oportunidade de contar uma história em maior profundidade. O documentário, porém, é



mais longo que a reportagem especial e não depende, assim como ela, da objetividade e da imparcialidade.

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. (NICHOLS, 2007, p. 72).

Alguns autores acreditam que o documentário serve como ferramenta jornalística, outros como um entretenimento e, ainda, como um mecanismo para incentivar a reflexão sobre a realidade. Ana Carolina Freitas (2004) autora de “Cinema: A Hora e a vez do Documentário”, cita o cineasta francês Jean-Luc Godard, que diz: "O bom documentário tende à ficção; a boa ficção tende ao documentário". Outro autor citado por Ana Carolina Freitas é o cineasta Eduardo Coutinho de “Cabra marcado para morrer” e “Edifício Máster”, que sobre o documentário diz: "O documentário não tem que informar, educar, não é jornalismo; mostra maneiras de se ver o mundo" (2004, p. 59).

A produção e veiculação de documentários, e interesse do público por este gênero, têm crescido nos últimos anos. Ana Cristina destaca que esse dado se confirma no festival internacional de documentários “É tudo verdade”, já que, em 1996, quando foi criado, o festival reuniu 50 filmes produzidos no país e, em 2004, o número de documentários foi cinco vezes maior.

Essa explosão de interesse pelo gênero deve-se, em grande parte, ao surgimento da câmera digital, que barateou a produção. Para Ramos, cresceu, igualmente, a demanda por narrativas que reflitam sobre as imagens relacionadas com a realidade concreta que as pessoas vivem. "Hoje, a audiência do documentário já domina cerca de 15% das exibições no país, o que é um salto muito grande ao índice de 1% a 2% de anos atrás". (NICHOLS, 2007, p. 68).

O documentário “A tragédia: um ano depois” pretende mostrar alguns aspectos das mudanças ocorridas, sobretudo, na vida das pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, no acidente. A voz autoral permitida na construção de um documentário jornalístico terá grande valor na intenção de revelar essas mudanças. O objetivo, portanto, ficará distante do julgamento de quem seja o culpado, a não ser nos trechos em



que os próprios envolvidos narrem seus sentimentos e suas visões sobre o ocorrido. Essa será a voz do documentário, baseado nos relatos de não ficção.

A voz está claramente relacionada ao estilo, à maneira pela qual um filme, de ficção ou não, molda seu tema e o desenrolar da trama ou do argumento de diferentes formas, mas o estilo funciona de modo diferente no documentário e na ficção. A idéia da voz do documentário representa alguma coisa como “estilo com algo mais”. (NICHOLS, 2007, p. 74).

Fabiana Piccinin no artigo “O processo editorial na TV: as notícias que os telejornais contam” (FILIPPI; PICCININ; SOSTER, 2006, p. 139) pontua algumas marcas do jornalismo produzido na televisão, que podem explicar o fato de ter conquistado um lugar de referencia na sociedade contemporânea. Um dos pontos defendidos é que as notícias são oferecidas sem necessidade do domínio da língua escrita. O entendimento da notícia se torna mais abrangente quando a necessidade é só de ver e ouvir. O conteúdo telejornalístico não precisa ser comprado diariamente, diferente do jornal ou da revista. Está sempre lá, basta ligar o aparelho. O último ponto defendido é que, como produto audiovisual, o telejornal oferece o recurso da imagem ancorada pelo texto, e essa combinação atrai o telespectador.

Além desta facilidade no alcance e na compreensão do conteúdo da TV, ela ainda representa um meio extremamente confiável para a população. “Assim, as notícias na televisão têm poder legitimador e se constituem na fonte dos acontecimentos que compõem a “realidade” para um grande número de pessoas e de maneira muito impactante.” (FILIPPI; PICCININ; SOSTER, 2006, p. 140). O que sai na televisão é sempre crível, indiscutível. As pessoas têm nela uma crença muito forte, e por isso há uma grande responsabilidade do meio televisivo para com o público.

A televisão, mesmo se for privada de toda sua credibilidade, é um meio inegavelmente sedutor, pela combinação dos elementos que a compõem. A imagem, as expressões faciais, a impressão de estar vivenciando a cena, aliada ao som. Flávio Porcello, no seu artigo “Edição em TV” (FILIPPI; PICCININ; SOSTER, 2006, p. 150), afirma: “A TV é uma fusão do cinema com o rádio. Usa a linguagem visual do cinema, com a narrativa oral do rádio e o texto da imprensa. Mas, por fazer uma fusão entre imagem e som, parece mais espontânea.”

A sedução que a televisão exerce nos telespectadores, aliada a um tema de interesse público, permite a construção de um documentário envolvente e de relevância



social. A comoção causada pelo acidente que matou 27 pessoas do Extremo Oeste de Santa Catarina é um tema delicado para ser tratado em um documentário telejornalístico.

A proposta de construção de um produto jornalisticamente relevante, sério e, ao mesmo tempo, emocionante, é uma tarefa que exige certos cuidados. No tratamento de um assunto que envolve pessoas que perderam amigos e familiares na tragédia, o jornalista precisa tomar o cuidado para não se tornar nem sentimentalista, e nem frio. É necessária uma conduta profissional e humana no relacionamento com as fontes, na coleta de depoimentos e na montagem do produto final, sem a pretensão de tecer julgamentos, mas sim de construir um documentário sob uma ótica dos próprios envolvidos e não do jornalista.

“O repórter deve tentar se controlar emocionalmente. O desempenho da observação dos fatos e na transmissão da informação pode ser prejudicado com a emoção” (FILIPPI; PICCININ; SOSTER, 2006, p. 52). O comportamento do repórter diante de uma situação como esta é alvo de discussão, não só na execução do documentário, como no desenrolar do objeto de estudo, o acidente.

Muitos repórteres faziam a cobertura jornalística do primeiro acidente, no momento em que aconteceu o segundo, e mais grave. De jornalistas, eles se tornaram vítimas. A postura adotada por esses profissionais é um assunto abordado ao longo do documentário, sob uma ótica pessoal, contada nos depoimentos pelos próprios jornalistas. Eles contam como se sentiram no momento em que passaram a ser vítimas do acidente e qual a reação frente ao dilema: o pânico humano, o instinto de fuga do local, e o compromisso jornalístico de transmitir informações aos que aguardavam notícias.

O desafio da equipe de produção do documentário foi o de interagir de forma ética com as fontes e apresentar um produto que atinja o objetivo de sensibilização diante da violência no trânsito, sem ferir os princípios jornalísticos nem ofender a integridade e o sentimento das fontes e de todos os envolvidos no acidente.

Referências bibliográficas

ARBEX, José Júnior. **O Jornalismo canalha**. Casa Amarela: São Paulo, 2003.

BRASIL, Umbelino. **O filme documentário como "documento da verdade"**. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/01ofilme.html>>. Acesso em: 24 de outubro de 2008, às 15h14



CARVALHO, Márcia. **O documentário e a prática jornalística**. Revista Pj:Br – Jornalismo Brasileiro. Ed. 07, 2º semestre de 2006. Disponível em:
<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm>. Acesso em: 24 de outubro de 2008, às 15:50

FILIPPI, Ângela; PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.). **Edição em Jornalismo: Ensino, Teoria e Prática**. Edunisc: Santa Cruz do Sul, 2006. 194 p.

FREITAS, Ana Carolina. **A Hora e a vez do Documentário** - Ciência e Cultura. vol. 56. n. 4. São Paulo Oct./Dec. 2004. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000400026&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 de outubro de 2008, às 15h22

GOMES, Pedro Gilberto. **O Jornalismo Alternativo no Projeto Popular**. Paulinas: São Paulo, 1990.

KLÖCKNER, Luciano. **A edição radiofônica no Brasil: aspectos teóricos e técnicos**. In: FILIPPI, Ângela; PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.). Edição em Jornalismo: Ensino, Teoria e Prática. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. 194 p.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. Senac: São Paulo, 2000.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Cultrix: São Paulo, 1998.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papyrus: São Paulo, 2007.

SEGER, Linda. **A Arte da Adaptação**. Nova: São Paulo, 2007.

SQUIRRA, Sebastião. **Telejornalismo: produção e técnica**. Brasiliense: São Paulo, 2004.

TRAMONTINA, Carlos. **Entrevista**. Globo: São Paulo, 1996.